

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Jéssica Medeiros Perin

JORNALISMO LITERÁRIO: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO NA REPORTAGEM A *MULHER QUE*
ALIMENTAVA DE ELIANE BRUM

Passo Fundo

2018

Jéssica Medeiros Perin

JORNALISMO LITERÁRIO: UM OLHAR SOBRE O
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO NA REPORTAGEM A
MULHER QUE ALIMENTAVA DE ELIANE BRUM

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, sob a orientação do Dr. Otavio José Klein.

Passo Fundo

2018

Jéssica Medeiros Perin

**Jornalismo Literário: um olhar sobre o processo de construção na
reportagem *A mulher que alimentava* de Eliane Brum**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, sob a orientação do Dr. Otavio José Klein.

Aprovada em ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof Dr Otavio Jose Klein – UPF

Prof. _____ - _____

Prof. _____ - _____

Dedico este trabalho a minha mãe, Jaqueline Machado Medeiros, que sempre esteve ao meu lado me encorajando sobre a vida e, sobretudo, ter tornado esse sonho possível.

Agradeço a minha mãe, Jaqueline, pelos ensinamentos, a dedicação inesgotável e o amor incondicional. Um agradecimento especial, do fundo d'alma ao meu futuro marido, Igor Fernandes, pela paciência, compreensão e cumplicidade, por acreditar em mim sempre. Sou muito grata por dividir a vida contigo. Agradeço a minha irmã Hellen, que com memes e meias palavras fizeram com que me esquecesse por alguns instantes dos sentimentos angustiantes proporcionados por essa etapa. Aos meus avós, que com ligações inesperadas fizeram meu dia melhor. Ao meu pai, que mesmo ausente, contribuiu para que esse dia se realizasse. Agradeço imensamente ao meu orientador, Otavio, por me ajudar a encontrar o rumo quando pensei em desistir. Aos meus demais professores do curso, por compartilhar o conhecimento. A todos os meus amigos, que partiram, chegaram e permaneceram ao longo destes quatro anos. Obrigado por vivenciarem meus momentos bons e os ruins. Fernanda Algayer, agradeço teu olhar sensível e teu carinho nos momentos que lhe pedi socorro. Agradeço a Denise Caetano, que confiou em mim como colega na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Carazinho, incentivando-me ainda mais ao mundo jornalístico. Enfim, a todos que puderam estar ao meu lado de alguma forma, fazendo com que este sonho fosse possível. Muito obrigado!

O movimento da reportagem implica desabitar-se de si para habitar o outro. Só nos tornamos capazes de completá-lo pela escuta, esta que se faz com todos os sentidos, que apalpa tanto o dito como o não dito, tanto o que soa e ressoa quanto o silêncio. Tanto a textura dos móveis como a escolha dos quadros nas paredes. Os cheiros e as ausências. As negações, os sobressaltos e as hesitações. As incompletudes das unhas roídas, o esmalte escolhido ou esquecido. As frestas. E as sobras.

Eliane Brum

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo compreender o processo de construção da reportagem literária *A mulher que alimentava* da jornalista Eliane Brum. Apresenta o jornalismo como construtor da realidade a partir da teoria construcionista, além de descrever os aspectos e características das produções jornalístico-literárias. A metodologia utilizada para análise da reportagem foi o estudo descritivo, onde buscou-se identificar o processo de construção da reportagem por meio da aplicação dos conceitos da Estrela de Sete Pontas, utilizadas por Felipe Pena (2006) presentes no texto para referir-se ao jornalismo literário. Como resultado, a partir da análise constatou-se a presença das sete características na reportagem de Eliane Brum.

Palavras-chave: Teoria construcionista. Jornalismo Literário. Estrela de Sete Pontas. Eliane Brum.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	10
2.1 Teoria Construcionista	10
2.2 Confluências entre Jornalismo e Literatura	13
2.2.1 <i>New Journalism</i>	18
2.3 Construção Textual no Jornalismo Literário	20
3 METODOLOGIA	25
3.1 Apresentação	25
3.2 Metodologia de pesquisa	27
4 A MULHER QUE ALIMENTAVA	29
4.1 Descrição e análise da reportagem	29
4.1.1 Potencializar os recursos do jornalismo	30
4.1.2 Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano	31
4.1.3 Proporcionar uma visão ampla da realidade	32
4.1.4 Exercitar a cidadania	33
4.1.5 Romper as correntes do <i>lead</i>	34
4.1.6 Evitar os definidores primários	35
4.1.7 Perenidade.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXO	41

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo literário foge das amarras da redação e abrange às mais profundas possibilidades. Um formato que proporciona ao jornalista o poder de modelar e tornar suas narrativas mais atraentes, humanizadas e perenes. As reportagens jornalístico-literárias esbanjam criatividade e contextualizam uma nova visão de mundo em meio aos gêneros jornalísticos. Por este e outros motivos, como o gosto por livros de Gabriel García Márquez e Charles Bukowski, que optou-se pelo mundo jornalístico-literário desde a adolescência, bem como a paixão de devorar os textos humanizados da jornalista Eliane Brum durante às madrugadas. O tema central e o objeto de estudo da presente monografia é o processo de construção da reportagem literária *A mulher que alimentava* de Eliane Brum.

Além da afeição pelas narrativas jornalístico-literárias, o tema foi escolhido para compreender às convergências entre o jornalismo e a literatura, bem como descrever o jornalismo como construtor da realidade. Lançada oficialmente em 2008, pelo portal Época e posteriormente no mesmo ano inserida no livro “O olho da rua” pela editora Globo e em 2017 numa versão ampliada pela editora Arquipélago, a reportagem *A mulher que alimentava* assim como outras reportagens da jornalista Eliane Brum, dá voz à uma personagem que frente ao jornalismo convencional, seria anônima. Diante dessa reportagem literária marcante na qual são utilizadas técnicas jornalísticas sem perder a essência do real, onde a jornalista relata os últimos 115 dias de vida de Ailce, adoecida por um câncer sem cura, o objetivo da monografia não poderia ser outro.

Perante ao que foi explicado, este trabalho de conclusão de curso, tem como norte, utilizar a metodologia de estudo descritivo para identificar por meio do processo de construção da reportagem escolhida, as características do jornalismo literário presentes no texto a partir do conceito da Estrela de Sete Pontas de Pena (2006).

Este estudo está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada a fundamentação teórica, que aborda o jornalismo como construtor da realidade a partir da teoria construcionista, bem como as convergências entre jornalismo e literatura, que compreende como os diferentes gêneros se cruzaram na história e moldaram o jornalismo literário e, como vertente deste fazer jornalismo, o *new journalism*. Ainda como fundamento teórico, o presente estudo resgata por meio da definição de vários autores do gênero, como são realizadas as produções jornalístico-literárias. No segundo capítulo, expõe-se a metodologia. Primeiramente é apresentada uma breve biografia da jornalista Eliane Brum e a reportagem *A mulher que*

alimentava. Após, a metodologia de pesquisa utilizada para obtenção dos resultados desta pesquisa. Por fim, no terceiro e último capítulo, é descrita e analisada a reportagem.

A análise toma como norte a metodologia do estudo de caso descritivo, a partir do entendimento de Antônio Gil (1989) e Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2003). A Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2006) serve como centro para a conclusão da análise.

2 JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Neste capítulo, será descrito a partir da visão de alguns autores, como Nelson Traquina, Felipe Pena, Edvaldo Pereira Lima, entre outros, de que forma o jornalismo é um intercessor da construção da realidade, a partir da teoria construcionista e de alguns critérios de noticiabilidade expostos no texto. Na sequência, será compreendido como jornalismo e literatura se cruzaram ao longo da história, resultando em uma fusão que deu início ao jornalismo literário e às narrativas que o compõe. A partir das vertentes do jornalismo literário, manifesta-se o conceito de *New Journalism*, ou novo jornalismo, um expositor de reportagens que se utiliza da amplitude da imaginação e da sensibilidade. Após, será apresentado por meio das convergências entre jornalismo e literatura expostas no capítulo, o processo de formação e construção textual no universo do jornalismo literário baseado na teoria da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena e a conceituação de outros autores que contribuem para o desenvolvimento desta técnica.

2.1. Teoria construcionista

Opondo-se à teoria do espelho, a qual defende os fatos jornalísticos como a transcrição da realidade, ou seja, “as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2012, p. 148), surge em 1970 pesquisas que afirmam o jornalismo como construtor da realidade. A partir deste paradigma, o jornalismo considera as notícias com diversos aspectos e narrativas, não implicando que os fatos jornalísticos sejam ficcionais. De acordo com Nelson Traquina (2012), estes fatos apenas possuem uma produção mais abrangente, com uma abordagem narrativa que não deixa de informar, mas sim fazer com que o leitor perceba a dimensão cultural das notícias.

Muitos profissionais resistem ao paradigma do jornalismo como construção da realidade, denominando em sua gíria profissional, às notícias como histórias. Apesar da resistência, Traquina (2012) afirma que o conceito de construção é compreendido em relação aos princípios essenciais da ideologia utilizada na profissão jornalística.

E quando se afirma que as pessoas têm interesse em versões diferentes desse acontecimento, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar as coisas de um modo diferente, esta afirmação de algum modo ataca ou mina o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante à noção de que a notícia não é um relato mas uma construção (HALL apud TRAQUINA, 2012, p. 171).

Ou seja, os fatos jornalísticos podem ser construídos a partir de diversas narrativas e de significados que se diferem, representando a realidade e não refletindo-a como na teoria do espelho. Para Pena (2015) a teoria dos espelhos sempre apresentou o jornalista como um mediador desinteressado, cujo a única missão era observar a realidade e escrever um relato equilibrado sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões. Nesse sentido, Traquina (2012) afirma que a conceitualização das notícias como estórias torna relevante a importância de compreendê-las por meio da dimensão cultural. Michael Shudson (apud TRAQUINA, 2012, p. 172) cita que quem produz as notícias são “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos”. Sobre a importância dos mapas de significado na produção social das notícias, Hall acrescenta:

As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo do “aleatório” – devem ser trazidos aos horizontes do “significativo”. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os “mapas de significado” que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social já está “traçado” (HALL apud TRAQUINA, 2012, p. 172-173).

Traquina (2012) afirma que as teorias construcionistas do jornalismo passam a questionar teorias de ação política e todas as análises que distorcem intencionalmente as notícias. Estas teorias demarcam a relevância da cultura jornalística, especificando a estrutura dos valores-notícia, ideologia, rotinas e procedimentos que os profissionais da área utilizam para cumprir o seu trabalho. Com isso, Traquina reconhece que os jornalistas exercem um grande grau de autonomia, “os jornalistas são observadores passivos e defendem a posição de que, ao contrário, são de fato participantes ativos na construção da realidade” (TRAQUINA, 2012, p. 175).

Para socióloga Gaye Tuchman (apud PENA, 2015, p. 129) embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não existe uma autonomia incondicional na prática jornalística, mas há uma submissão a um planejamento produtivo.

Diante da perspectiva do paradigma construtivista, Traquina (2012) explica que embora as notícias façam parte do índice “real”, elas registram formas literárias e as narrativas utilizadas para emoldar o acontecimento. Assim, as notícias que abrangem essa categoria se dispõem de uma maneira mais ampla de fazer jornalismo, utilizando diferentes aspectos do acontecimento para construir a realidade. Sobre o método construtivista, Pena declara que este “ênfatisa o

caráter convencional das notícias, admitindo que elas informam e têm referência na realidade” (2015, p. 129).

A teoria do *newsmaking* que parte de um princípio construcionista, rejeita a teoria do espelho e segundo Pena (2015) ao informar as notícias como construção da realidade, neste método estão inclusos critérios de noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção. Para Pena a noticiabilidade é um conjunto de critérios, operações e instrumentos que seleciona dentre tantos fatos uma quantidade de notícias para serem produzidas e, posteriormente, divulgadas.

A noticiabilidade é negociada por repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo na redação. Sua aplicação baseia-se nos valores-notícia, que são os tais critérios e operações usados para definir quais acontecimentos são significativos e interessantes para serem transformados em notícia (PENA, 2015, p. 130-131).

Além da noticiabilidade, acompanham a construção da notícia a sistematização do trabalho jornalístico e os valores-notícias. Pena (2015) exemplifica como sistematização a divisão de tarefas: pauteiros, repórteres e editores; divisão de editoriais para organização do trabalho; e por último o processo industrial: hora de fechamento e cartão de ponto. Conforme Pena, os valores-notícia colaboram na sistematização do trabalho na redação, “contextualizados no processo produtivo, adquirem significado e função, e tornam-se evidentes para os profissionais envolvidos no processo: chamado senso comum das redações” (PENA, 2015, p. 131), Pena afirma a partir desse processo que qualquer jornalista saberá dizer o que é notícia e o que não é conforme esse senso comum.

Fica definido por Traquina (2013) que os valores-notícia são uma oportunidade de destacar um aspecto fundamental da cultura profissional, além de, um elemento que possibilita interação jornalística por meio do acompanhamento profissional, bem como a seleção das notícias, ao filtrar a natureza e os objetos do fato, facilitando a elaboração das mesmas.

Diante aos aspectos do jornalismo como construção da realidade, que segundo Pena (2015) encontra-se num meio que “não é possível encarar os pressupostos de “rotinização” do trabalho, do processo de produção e da cultura jornalística” (2015, p. 132) que percebe-se a literatura inserida. Segmentando uma linha onde as narrativas se encontram de diversificadas maneiras para assim, construir a realidade, é neste contexto das produções jornalísticas que jornalismo e literatura se encontram.

2.2 Confluências entre Jornalismo e Literatura

O jornalismo e a literatura têm caminhado lado a lado ao longo dos anos, ambos se complementam, se afastam e harmonizam-se por meio de produções e funções na história. De acordo com Pena (2006) vários teóricos tentaram definir a junção dos discursos jornalísticos e literário como um gênero específico, apesar das tentativas a única possibilidade neste contexto é “uma aproximação conceitual, identificando subdivisões possíveis de acordo com o momento histórico” (PENA, 2006, p. 20).

Conforme Edvaldo Pereira Lima (2009) o jornalismo e a literatura aproximam-se na metade do século XIX, momento em que a imprensa torna-se moderna e industrial, aperfeiçoando suas técnicas por meio da arte literária e transcrevendo através de suas reportagens uma forma diferenciada para narrativa da realidade.

[...] a literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX. Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época (LIMA, 2009, p. 174).

Felipe Pena (2006) afirma que a classificação da junção de dois discursos, jornalismo e literatura, abrangem diferentes ideias, para alguns autores é definido como o período na história do jornalismo que escritores assumiram papéis de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, para outros, estende-se à crítica de obras literárias nos jornais impressos, *new journalism*, romance-reportagens e a ficção-jornalística. Para Pena o conceito está vinculado à uma questão de linguagem:

[...] como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados (PENA, 2006, p. 21).

Marcondes Filho (apud PENA, 2006, p. 28) destaca que a influência da literatura no jornalismo acontece nos séculos XVIII e XIX, quando grandes escritores descobrem os jornais como um espaço público de força e passam a então, ocupar suas páginas e comandar as redações, decidindo a linguagem e o conteúdo a ser publicado nos jornais. Nesse período, “um

de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura” (PENA, 2006, p. 28).

A literatura está, até então, basicamente interessada na escrita. Mesmo quando representa o real, pela ficção, a facticidade concreta, efetiva – de acontecimentos, personagens e ambientes perfeitamente existentes e nominados no espaço social verdadeiro – não é, na maioria dos casos, o item primordial. [...] E é esta tarefa, a de sair ao real para coletar dados e retratá-los, a missão que o jornalismo exige das formas de expressão que passa a importar da literatura, adaptando-as, transformando-as (LIMA, 2009, p. 178).

As confluências entre jornalismo e literatura passaram a tomar uma forma expressiva, as narrativas literárias em jornais proporcionavam um significativo aumento nas vendas, os valores diminuía e o número de leitores crescia gradativamente. Segundo Pena (2006) os folhetins publicados agradavam o público por ser um conteúdo, além de acessível, de linguagem simples e fácil compreensão, histórias de adultérios, amores impossíveis e de aventura prendiam e cativavam o leitor. Foi a partir desse cenário que a influência da literatura no jornalismo se manifestou, “o casamento entre imprensa e escritores era perfeito” (PENA, 2006).

O jornalismo e a literatura se complementam, em um primeiro momento Lima (2009) explica que o jornalismo bebe da fonte da literatura, noutra é a literatura quem busca reciclar a prática do jornalismo.

[...] é válido reconhecer um campo de realizações narrativas jornalístico-literárias cujos atributos mostram-se disponíveis a possibilidades de justaposições, entrelaçamentos ou afinidades literário-jornalísticas. Se, em uma perspectiva histórica, de início coube a literatura ser a matriz fornecedora de sugestões formais à narrativa jornalística, o desenvolvimento do jornalismo foi aos poucos construindo uma autêntica e nada desprezível tradição de textualidade que também se ofertou à realização literária (BULHÕES, 2006, p. 46).

Nesse contexto o crítico Boris Schnaiderman (apud LIMA, 2009, p. 179) complementa que é inaceitável ver uma barreira intransponível entre o jornalismo e a literatura, os dois elementos estão tão próximos e interligados que em momentos o jornalismo apropria-se das técnicas literárias, em outros é a literatura que necessita do jornalismo, “a literatura e o jornalismo são vasos comunicantes, são formas diferentes de um mesmo processo”.

Por meio da necessidade da reportagem bem-feita, os jornalistas sentiam-se inclinados a inspirar-se e produzir suas reportagens literariamente, encontrando nos elementos literários o aprimoramento das notícias, dos detalhes e uma maneira vivaz para narrar a realidade (LIMA, 2009, p. 173-174).

A fusão entre jornalismo e literatura, ou seja, o jornalismo literário, segundo Pena (2006), proporcionou aos jornalistas uma nova forma de escrever boas matérias, mergulhando num mar de possibilidades e narrativas para a produção jornalística. O jornalismo literário foge do convencional, do jornalismo que “vem se transformando, salvo raras e boas exceções, em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização” (PENA, 2006, p. 13).

Apesar das adequações, Pena (2006) esclarece que o jornalismo literário não deixa de lado o que foi aprendido no jornalismo convencional, mas sim desenvolve os recursos das técnicas jornalísticas, construindo novas estratégias profissionais, que diz respeito a “dotar a linguagem verbal de uma dimensão que ela não é meio, mas fim; tomá-la como matéria em si, portadora de potencialidades expressivas” (BULHÕES, 2006, p. 12).

De acordo com Renato Modernell (2007) a característica que mais se destaca no jornalismo literário é a chamada imersão. Isso significa um alto grau de envolvimento do autor com o tema sobre o qual trabalha, seja do ponto de vista existencial, durante a captação do material, seja no momento da elaboração do texto, que implica uma escolha acertada do foco narrativa. Pode-se dizer que, em certos casos, o autor se transforma quase num personagem de si próprio. Modernell relata que para fazer parte do âmbito do jornalismo literário é preciso envolver-se e aprofundar-se em histórias.

O que nos interessa examinar, isso sim, são aqueles relatos pessoais que constituíram uma experiência existencial intensa, transformadora e de alto valor simbólico para o narrador; como resultado de insights e reflexões propiciados por cenários diferentes daqueles nos quais está acostumado a viver (MODERNELL, 2007, p. 107).

Para Marcelo Bulhões (2006, p. 40), um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, atende pelo nome de narratividade, ou seja, textos que relatam uma série de acontecimentos, “algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística”. A partir deste contexto, a narratividade apresenta uma conexão estreita com a temporalidade, classificando-se como um meio de contar eventos revelados da passagem de um estado a outro.

Apesar da utilização das técnicas e da narrativa literária, a produção jornalística não será direcionada para a fantasia. Mônica Martinez (2009) explica que como toda narrativa, o jornalismo literário presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, a forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, a forma com que as fontes veem e se relacionam com o mundo. É por meio destas técnicas da literatura, explica Estela Maria Hoffman, que o jornalista irá buscar produzir uma matéria de mais qualidade.

É óbvio o compromisso que o texto jornalístico tem com a veracidade, e é ao mesmo tempo evidente que a literatura é baseada na ficção, mas não devemos nos valer apenas deste princípio, sendo que ele pode ser flexível. A relação entre jornalismo e literatura anda por caminhos muito mais abrangentes que mostram um horizonte de possibilidades (HOFFMAN, 2010, p. 4-5).

Pena (2006) cita que o jornalismo deve ultrapassar os limites do cotidiano, ou seja, deve romper duas características básicas do jornalismo convencional: a periodicidade e a atualidade. Ou seja, o jornalista não está mais preso ao compromisso do *deadline*, a hora do fechamento do jornal ou revista.

A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2006, p. 14).

Uma característica essencial nas matérias literárias, é o rompimento das correntes do *lead*¹, apesar da objetividade que esta característica proporciona aos jornalistas, Pena afirma que falta criatividade, elegância e estilo. “É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2006, p. 15).

A permanência também é um conceito que compõe as características do jornalismo literário, ou seja, não pode ser efêmera ou superficial. O objetivo da matéria literária é não cair no esquecimento como as reportagens do cotidiano.

¹ *Lead* ou *lide* é o relato breve do acontecimento logo no início do texto jornalístico, respondendo seis perguntas básicas: o quê? Quem? Como? Onde? Quando e por quê?

Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2006, p. 15).

Neste sentido, entende-se que o jornalismo literário de acordo com Castro (2010) abrange uma conjunção de conhecimentos, saberes e estilos narrativos. Jornalismo e literatura formam um jornalismo contextualizado, que não exclui inicialmente nenhum recurso metodológico ou narrativo, Castro explica dois pontos fundamentais em relação as reportagens no jornalismo literário:

1. Aprofundar ou verticalizar o texto jornalístico através do recurso da literariedade e da liberdade estilística, criando uma diversidade de narrações e de narradores que, a meu ver, só enriquece a leitura e o jornal. (No Brasil, por exemplo, um estilo ainda pouco utilizado é o do “Jornalismo de Autor”, ou em primeira pessoa, semelhante ao que o cinema e a literatura já fazem amplamente de forma rica e saudável) e 2. Apostar no prazer da escritura do texto (CASTRO, 2010, p. 7).

O jornalismo literário busca por meio das suas reportagens a amplitude da história do fato, neste meio jornalístico o jornalista deve se apegar aos detalhes, criatividade e a emoção para transmitir um significado especial ao leitor. Castro (2010, p. 8-9) afirma que o jornalismo literário é um meio de compreensão do gênero humano, uma mesclagem de “informação e conhecimento, capaz de transformar e orientar esse mesmo conhecimento com sabedoria e bom senso”.

Diante ao que foi exposto no texto, pode-se compreender que o jornalismo e a literatura se encontram há muitos anos e, apesar das divergências, o jornalismo literário proporciona o aperfeiçoamento das técnicas jornalísticas. À frente de um jornalismo comum e pobre de detalhes, a troca mútua de conteúdos e de instrumentos estilísticos entre jornalismo e literatura contribui para a criatividade, um texto primoroso e a capacidade de permanecer por gerações, mas sempre direcionando-se ao propósito do real. Nesse sentido, será apresentado a seguir um breve histórico do *new journalism* como vertente do jornalismo literário e especificidades.

2.2.1 *New Journalism*

Diante a uma época de grande transformação social e comportamental, o jornalismo vive um momento de busca por novas alternativas, qualidade literária e independência em meio às suas narrativas. A partir do aperfeiçoamento de suas técnicas, sem perder a essência jornalística do real, nasce em meados da década de 1960 nos Estados Unidos, o *new journalism*, ou o novo jornalismo.

Como um jornalismo literário moderno, o *new journalism* surge, segundo Pena (2006), em um período de insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto, definida no conceito do *lead*, os jornalistas sentiam-se presos para se expressar. Com o novo jornalismo, manifesta-se a oportunidade do profissional “sentir, perceber, emocionar, usar o potencial sensório do corpo” (LIMA, 2009, p. 122), para assim desenvolver suas reportagens.

Quando o *new journalism* esboça-se, ramo deste contexto comum, a sua forma de captação do real vai se caracterizar também por esse mergulho de cabeça no sensual, no sensório, não só para acompanhar a revolução que toma conta dos setores mais liberais do país como também para recriar e reproduzir o que se passa em setores não tão vanguardeiros assim da sociedade norte-americana (LIMA, 2009, p. 122).

O segmento fundamental do novo jornalismo é seguir o inverso da objetividade, Lima cita que esta produção abriga mais intensidade, cor, vivacidade e presença, ou seja, “com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens” (LIMA, 2009, p. 122-123). Nesse contexto, Lima (2009) explica que nasce a observação participante moderna, exigindo a riqueza nos detalhes, a profundidade e o engajamento com seus personagens.

Tom Wolfe (apud PENA, p. 54), um dos precursores do *new journalism*, deixou quatro recursos básicos do novo jornalismo, são: 1) Reconstruir a história cena a cena; 2) Registrar diálogos completos; 3) Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; 4) Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. Pena (2006) complementa que para ser um jornalista literário não basta apenas aplicar estes recursos, é necessário viver a sua produção.

[...] você só conseguirá aplicá-los se for um repórter extremamente engajado, entrevistando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível. [...] O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor (PENA, 2006, p. 55).

Na década de 1940 até o início da década de 1960, Wolfe (apud LIMA, 2009, p. 192) afirma que o romance estava no auge das criações literárias. Nesse sentido, profissionais das áreas ligadas à indústria cultural e à comunidade acadêmica de literatura desejavam escrever seus romances para se lançarem no “olimpico literário” da época. Lima (2009) cita um paradoxo relacionado a década de 1960, onde os Estados Unidos vivenciavam a grande efervescência das transformações sociais, comportamentais e culturais, apesar das revoluções e manifestações que ocorriam no período, nada mobilizou a veia criadora dos romancistas. Enquanto a literatura ignorou o cenário de efervescência do período, o jornalismo encontra seu espaço por meio do *new journalism*.

[...] aos poucos penetrando os pioneiros do novo jornalismo, afiando suas amarras, mergulhando cada vez mais fundo na realidade em rápida transformação, sentindo de perto e por dentro o pulsar da sociedade americana em conflito consigo mesma para o nascer de mais uma de suas múltiplas faces contemporâneas. Começam pelos *features*. Mas aos poucos o vão transformando até o ponto de não haver mais identificação com o modelo que lhes dá partida. Começam pelos jornais – *Herald Tribune*, *Daily News*, *The New York Times* –, crescem para as revistas dominicais de alguns periódicos – a *New York*, do mesmo *New York Herald Tribune*, por exemplo –, amadurecem em revistas independentes – notadamente *The New Yorker* e *Esquire* – e por fim alcançam o olimpo do estelato narrativo no livro-reportagem, tendo como marco inicial da maturidade alcançada *A sangue frio*, de Truman Capote, lançado originalmente em 1966 (LIMA, 2009, p. 196).

Apesar do “boom” que o *new journalism* causou à época, os espaços jornalísticos e literários não acolheram completamente às narrativas jornalístico-literárias, é no livro-reportagem que o novo jornalismo encontra seu espaço. De acordo com Lima (2009) “apesar dos avanços da reportagem literária em veículos cotidianos, ainda o oferece as condições ideais para a narrativa jornalística que precisa escapar à produção industrial cerceadora do jornalismo criativo” (LIMA, 2009, p. 211).

Para Bulhões (2006) o *New Journalism* afrontou os limites convencionais do fazer jornalístico, por meio de uma atitude revolucionária da época, o novo jornalismo surgiu como um processo de fluência de uma prática textual compreensível e reveladora.

[...] o *New Journalism* agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística. Como um autêntico filme-catástrofe americano, seu impacto fulminante lançou influência em vários países, aclimatando-se depois a realidades nacionais e contextos peculiares, como no caso do Brasil. Baixada a poeira do tempo, transformou-se em parada bibliográfica obrigatória a quem deseja seguir o caminho que desemboca no que se passou a conhecer com o nome de livro-reportagem (BULHOES, 2006, p. 146).

As narrativas jornalístico-literárias têm retratado um jornalismo evoluído em sua produção, abrangendo fatores como a subjetividade, descrição de detalhes e informações, profundidade e a perenidade. É a partir destes fatores que se demarcam características para a construção de um texto literário. A seguir, será apresentado a partir da teoria da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena e a concepção de outros autores, a formação e a construção textual no jornalismo literário.

2.3 Construção Textual no Jornalismo Literário

Diante de um texto confinado às amarras da redação, ao factual e rotineiro, o texto jornalístico-literário surge como uma forma de desenvolver as técnicas do jornalismo cotidiano, constituindo novas estratégias e incrementando suas produções.

De acordo com Marleth Silva (2017, p. 160), para construir um texto literário, o jornalista deve ter a sensibilidade de “ouvir e observar, pensar e reescrever, em um nível exaustivo”. Pena (2006) cita que o profissional deve mergulhar na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados, informações, uso de símbolos, metáforas, digressão e na humanização². A partir destas características, é possível perceber que o jornalismo literário tem como precisão

² A prática da humanização consiste em um dos traços básicos do jornalismo literário, é o efeito de trazer o ser humano para o foco dos acontecimentos, dar voz aos personagens, apresentar angústias e sentimentos, motivando o leitor a empatia e uma visão complexa dos personagens e vivências retratadas nas reportagens.

reportagens constituídas pela riqueza de detalhes, profundidade e uma ampla qualidade. Apesar das particularidades, o jornalismo literário é uma alternativa complexa e, vai além das distinções relacionadas ao jornalismo diário.

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe da feira (PENA, 2006, p. 13).

O texto jornalístico-literário é um produtor de viagens narrativas, segundo Lima (2016, p. 3), ele se utiliza de uma série de formatos distintos, “seu horizonte temporal é elástico, não se prende à atualidade restrita que impera na maior parte da produção jornalística convencional”. Nesse contexto, nota-se que o jornalismo literário é uma alternativa para fugir do comodismo, ou seja, inserir-se em um universo de amplo conteúdo.

Conforme Fernando Resende (2002, p. 79-80), a linguagem jornalística não se mantém presa ao contexto factual, como o jornalismo convencional denomina, “no texto – jornalístico e/ou literário – traços factuais e traços ficcionais podem se cruzar”. Silva (2017) complementa que apesar do texto jornalístico adquirir as características literárias, é necessário o respeito a correção factual.

Por melhor que escreva, ninguém está liberado para inventar detalhes ou descuidar da exatidão dos fatos. A adesão ao jornalismo literário não libera o autor para usar apenas sua imaginação (como poderia fazer na literatura) ao escrever sua reportagem. O jornalista está comprometido, sobretudo, com a fidelidade aos fatos (SILVA, 2017, p. 166).

Vitor Necchi (2007, p. 102) explica que o jornalismo literário busca por meio de seus textos “instigar, seduzir, provocar sensações e despertar o interesse do leitor” e ainda, afirma que para construir um texto jornalístico-literário é preciso observação, imersão, detalhes, traços autorais, reprodução de diálogos, digressões e fluxo de consciência. A partir das características utilizadas para a construção textual no jornalismo literário, o autor esclarece que é nesse sentido que vigora um profundo humanismo, extinguindo definitivamente alguns mitos do jornalismo convencional, como a impessoalidade, imparcialidade e o uso do *lead*.

Para facilitar a compreensão das características do jornalismo literário, Pena (2006) desenvolveu a teoria da Estrela de Sete Pontas, que consiste em sete diferentes itens que formam um conjunto harmônico e se propõe a explicar cada passo para a construção de um texto jornalístico-literário.

Na primeira ponta, Pena defende que é necessário **potencializar os recursos do jornalismo**, ou seja, o jornalista não deve desconsiderar o que aprendeu no jornalismo tradicional, mas sim, utilizá-lo para desenvolver e aperfeiçoar novas técnicas. Os velhos e bons princípios da redação permanecem com a sua relevância, por meio da apuração rigorosa, a observação atenta, abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras características.

Na segunda ponta da estrela, o autor recomenda **ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano**, este item refere-se a romper duas características do jornalismo tradicional: a periodicidade e a atualidade. Em outras palavras, Pena esclarece que o jornalismo não está mais preso a hora de fechamento do jornal ou revista, ao fazer às pressas, diante a essa dica o jornalista tem o poder de ultrapassar os limites.

A terceira ponta sugere **proporcionar uma visão ampla da realidade**, o autor destaca que o jornalismo literário preocupa-se em contextualizar as informações da forma mais ampla possível. A partir da citação da jornalista Eliane Brum (2017), exemplifica-se este terceiro item.

Acredito na reportagem como documento da história cotidiana, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento. Por isso exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a convicção de que a realidade é um tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios. Ruínas. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas (BRUM, 2017, p. 14).

É nesse sentido que o jornalista deve saber que o seu papel fundamental é, de acordo com Pena (2006), mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, por fim, localizá-las em um espaço temporal de longa duração.

Diante a quarta ponta, o autor destaca o ato de **exercitar a cidadania**, “um conceito tão gasto que parece esquecido” (PENA, 2006, p. 14). A partir desta colocação, destaca-se um

importante princípio que encontra-se em falta na atualidade. O texto jornalístico deve cooperar com a sociedade, contribuindo para o bem comum e aspectos da solidariedade.

O quinto conceito proposto por Pena (2006) diz respeito a **romper as correntes do lead**, uma estratégia criada no século XX por jornalistas americanos com o intuito de objetivar as reportagens, respondendo seis questões básicas na abertura do texto: *Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?* Conforme o autor, apesar da imprensa ter se tornado ágil com a utilização do *lead*, o ideal é fugir desta fórmula, caracterizada pela falta de criatividade, elegância e estilo, e aplicar táticas literárias para a construção de uma boa narrativa.

A sexta ponta da estrela consiste em **evitar os definidores primários**, ou seja, escapar do senso comum das redações ao entrevistar sempre os mesmos indivíduos, como, por exemplo, pessoas de cargos públicos ou função específica, que sempre são vistos na imprensa. Apesar da agilidade que estas fontes proporcionam às produções jornalísticas, “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 15). Brum (2015) esclarece o seu interesse pelas fontes anônimas, como um escape do jornalismo clássico.

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que essa seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal (BRUM, 2015, p. 187).

Por último, a sétima ponta da estrela definida por Pena (2006) para designar o jornalismo literário é a **perenidade**. Diferenciando-se das reportagens do cotidiano, que, muitas vezes, caem no esquecimento, o objetivo desta característica é a permanência. Para construir um texto jornalístico-literário que permaneça por gerações, o autor explica que, é necessária “uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2006, p. 15).

Diante aos conceitos apresentados até aqui, o jornalismo literário possui a tendência de ultrapassar os limites da redação, proporcionando profundidade e qualidade às narrativas. As sete pontas da estrela propostas por Pena (2006), que guiam para a construção de um texto

jornalístico-literário, servirão como suporte para o desenvolvimento da análise que será feita mais à frente. No capítulo a seguir, será apresentada a metodologia adotada no presente estudo.

3 METODOLOGIA

O presente capítulo apresentará uma breve biografia e trajetória de Eliane Brum, como jornalista, escritora e documentarista, bem com a reportagem *A mulher que alimentava*, produzida pela autora em 2008 para o portal Época, sua descrição e análise.

3.1 Apresentação

Jornalista, escritora e documentarista, Eliane Brum nasceu em março de 1966 no município de Ijuí, Rio Grande do Sul, passou a infância no distrito de Barreiro, desfrutando de todas as leituras possíveis. Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) em 1988 já conquistou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, dentre eles, os mais renomados como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Sennam, Libero Badaró e Rei de Espanha.³

Eliane Brum já publicou seis livros, cinco de não ficção e um romance: “Coluna Prestes: o avesso da lenda” (1994), “A Vida Que Ninguém Vê” (2006), “O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” (2008), “Uma Duas” (2011), “A Menina Quebrada” (2013) e “Meus desacontecimentos – A história da minha vida com as palavras” (2014). Como documentarista, a jornalista lançou os documentários: “Uma história Severina”, em 2005, “Gretchen Filme Estrada” (2010), “Laerte-se” (2017) e “Eu+1 – uma jornada de saúde mental na Amazônia”, em 2017.

Um texto escrito na faculdade, garantiu seu primeiro trabalho na área do jornalismo, como repórter do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS), ali, Eliane permaneceu durante 11 anos. No final dos anos 1990, a jornalista passou assinar a coluna “A vida que ninguém vê” no jornal, contando histórias de pessoas anônimas, da vida real.

Em 2000, deixou a redação do ZH e foi para São Paulo (SP) onde iniciou a carreira como repórter especial da revista Época. A reportagem *A mulher que alimentava* tornou-se

³ As informações sobre Eliane Brum foram retiradas do blog pessoal da jornalista. Disponível em: <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 10/05/2017.

um dos trabalhos mais marcantes na carreira da jornalista pela *Época*, onde Eliane Brum acompanhou os últimos 115 dias da vida de uma mulher.

No ano de 2010, a jornalista deixou a revista *Época* para atuar como *freelancer* e atualmente tem uma coluna de opinião quinzenal, em português e espanhol, no jornal *El País*, além do blog pessoal “Desacontecimentos” e seu trabalho como colaboradora do jornal britânico *The Guardian*.

Eliane Brum possui características peculiares em sua escrita, contando histórias reais, suas reportagens dão voz a personagens do cotidiano por meio de um formato diferenciado. Com uma linguagem narrativa, literária e rica em detalhes, a jornalista afasta-se do convencional ao conectar-se com o mundo sensível do jornalismo literário.

Escrevo porque a vida me dói, porque não seria capaz de viver sem transformar dor em palavra escrita. Mas não é só dor o que vejo no mundo. É também delicadeza, uma abissal delicadeza, e é com ela que alimento a minha fome. Desde pequena sou uma olhadeira e uma escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávida por mais. Foi isso o que fez de mim repórter, que é muito mais do que uma profissão, é um ser/estar no mundo (BRUM, 2016, p. 13).

A reportagem intitulada *A mulher que alimentava*, lançada em 2008 pela revista *Época* e posteriormente no livro “O Olho da rua”, nas edições de 2008 e 2017, traz a história dos últimos 115 dias de vida da merendeira escolar, Ailce de Oliveira Souza. A reportagem de 27 páginas, traduz uma história rica em detalhes, o texto não segue uma ordem cronológica dos fatos, ora a jornalista narra o presente, tempo em que viveu a matéria, ora narra a história das vivências de Ailce desde o seu nascimento. O texto conta com delicadeza a trajetória de Ailce, a descoberta de um câncer incurável e os desafios enfrentados nos últimos quatro meses de sua vida, o grande desafio da jornalista é lidar com o fim de reportagem: a morte de Ailce.

Eu não poderia desejar nunca que essa reportagem acabasse. E ao mesmo tempo desejava que ela terminasse o mais rápido possível. Fui ficando cada vez mais ansiosa para me libertar de um contato tão cotidiano e radical com o morrer que estava impossibilitando a minha vida. Ao mesmo tempo, fingia que a apuração nunca acabaria. De certo modo, eu e ela éramos duas fingidoras. Ela, na posição de personagem de uma vida, eu como narradora de uma história cujo fim era o fim da vida dela (BRUM, 2017, p. 349).

A reportagem preenchida por características literárias, consiste em uma história da vida real. No próximo capítulo será analisado o processo de construção do texto, porém antes será exposta a metodologia utilizada para a efetivação desta análise.

3. 2 Metodologia de pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo de construção na reportagem *A mulher que alimentava* da jornalista Eliane Brum. A fundamentação teórica é construída a partir do princípio construtivista, baseada na teoria de *newsmaking*, que enfatiza que as notícias não refletem a realidade, mas sim, informam e ajudam a construí-la (PENA, 2015, p. 128-129).

A metodologia adotada nesta monografia é o estudo descritivo, identificando a partir do conceito da Estrela de Sete Pontas de Pena (2006, p. 13), que segundo o autor são sete características fundamentais e de fácil compreensão nos textos jornalístico-literários, que formam um “conjunto harmônico e retoricamente místico”. Para esta análise, então, será necessário compreender onde se aplicam estas características na reportagem e, por fim, quais foram as mais utilizadas ao longo do texto: 1) Potencializar os recursos do jornalismo; 2) Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano; 3) Proporcionar ao leitor uma ampla visão da realidade; 4) Exercer a cidadania; 5) Quebrar com o lead; 6) Evitar os definidores primários; 7) Perenidade.

No entendimento de Antônio Carlos Gil (1989) a análise descritiva possui diversas classificações em seu contexto, “algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação” (GIL, 1989, p. 45). O autor afirma que o estudo de caso pode ser aplicado em pesquisas exploratórias, explicativas e descritivas, sendo caracterizado pelo seu estudo de aprofundamento e detalhado.

Para Alvim Antônio de Oliveira Netto (2006, p. 10), o “processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo”, neste contexto percebe-se que a análise descritiva está relacionada ao estudo de caso, onde o método busca servir às pesquisas com diferentes propósitos.

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 1989, p. 58).

Diante a esta afirmação, é possível perceber que o estudo de caso, assim como a pesquisa descritiva são métodos para analisar e interpretar o objeto da investigação, não interferindo em sua realidade. Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2003, p. 151), afirma que as ações técnicas e de análise que se desenvolvem na etapa descritiva conferem ao pesquisador “a capacidade de descrever, de modo unívoco e sintético, as condições concretas de produção dos fenômenos estudados, condições que residem no nível empírico”.

Entende-se, então, que esta pesquisa utiliza-se o método descritivo a fim de compreender por meio das características de observação, registro e análise dos fenômenos expostos no texto por meio da Estrela de Sete Pontas, como é elaborado o processo de construção na reportagem.

O material escolhido para este estudo se deu de forma intencional e não aleatória, onde foi identificado pela pesquisadora a reportagem da jornalista Eliane Brum que mais chamou a atenção, tendo em vista o interesse em analisar como é realizado o processo de construção da reportagem *A mulher que alimentava*. A reportagem produzida em 2008 para o portal Época e, posteriormente no mesmo ano, divulgada no livro “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, será analisada a partir da versão mais atualizada, divulgada em uma nova edição do livro “O olho da rua” (2017).

4 A MULHER QUE ALIMENTAVA

Para cumprir o objetivo proposto nesta pesquisa, será descrito neste capítulo o processo de construção da reportagem literária *A mulher que alimentava* da jornalista Eliane Brum. A descrição será realizada a partir das categorias estabelecidas para análise, ou seja, as sete características da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2006). Junto a descrição, serão verificados por meio da análise quais elementos estão presentes no texto, podendo, assim, compreender os parâmetros do jornalismo literário na reportagem “A mulher que alimentava”.

4.1 Descrição e análise da reportagem

A história de Ailce de Oliveira Souza compõe o capítulo “Vida até o fim” do livro “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” (2017). Nele, a jornalista conta a vida de Ailce, uma merendeira de escola na cidade de São Paulo, que lida com um câncer incurável. Ao longo da reportagem, Eliane Brum, transborda por meio das palavras, sensibilidade, dor, nostalgia, vida e morte ao acompanhar os últimos 115 dias de Ailce.

Conforme as observações na descrição e análise do texto, é possível afirmar que as características da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2006), estão presentes com veemência na reportagem *A mulher que alimentava*. Dando ênfase aos detalhes, profundidade e a sensibilidade em questão, ao relatar a história de Ailce, Eliane Brum busca por meio de características fundamentais na produção de um texto jornalístico-literário o envolvimento com o leitor. A criatividade da jornalista fez com que os últimos momentos de Ailce resultassem além de um relato sobre como é viver à espera da morte, Brum por meio da reportagem realça os traços da vida, dando visibilidade à Ailce ao relatar os detalhes e lembranças vividos por ela.

Na reportagem, itens como potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites do cotidiano; proporcionar ao leitor visão ampla da realidade, quebra do *lead* e evitar os definidores primários apresentam-se de forma mais sistêmica, ou seja, em diversos pontos do texto é possível encontrá-los. Já as características, como exercício da cidadania e perenidade aparecem de modo mais incorpóreo, sendo assim, são elementos que estão presentes na reportagem, mas que não são citados explicitamente, apenas se relacionam ao universo da história e seu contexto.

Em toda a composição do texto, Eliane Brum apresentou a aptidão de seu caráter humanizado, ao trazer à tona um tema de caráter universal e o tabu da morte, em momento algum a reportagem tende ao sensacionalismo, pelo contrário, a jornalista preza pelo comprometimento com sua personagem. Sem o jogo de perguntas e respostas, Brum opta por ser “ouvinte”, por meio de sua narrativa é possível perceber que o contato entre fonte e jornalista ao longo do texto torna-se afetuoso, apesar disso, não há interferência na vivência do morrer de Ailce.

A seguir, serão apresentados trechos da reportagem juntamente com a análise de cada item que compõe a Estrela de Sete Pontas.

4.1.1 Potencializar os recursos do jornalismo

Enquanto relata a história de Ailce ao lidar com o câncer, a perda da liberdade ao enfrentar os obstáculos da doença e como era sua vida antigamente, o texto de Brum (2017) denota a primeira característica de Pena (2006), que é a potencialização dos recursos do jornalismo. Nesta característica, a jornalista propõe, no texto, a utilização de novas estratégias que compõe o jornalismo literário. A potencialização de recursos encontra-se presente em diversos pontos da reportagem. Os trechos abaixo exemplificam a característica:

Quarta filha entre nove, ela é a penúltima com o nome iniciando por “a”. Ailton, Amilton, Adailton, Ailce. E depois Adilson, Deusdete, Osvaldo, José Admann e Berenice. “Era muita gente”, ela diz. “Eu sentia falta de espaço, de um lugar só meu”. No fim de sua vida ela tem não apenas um canto, mas uma casa só sua. Ampla, dois andares, ela é a encarnação em concreto de seus esforços. Pela casa ela sacrificou muito. Quando adoeceu, descobriu que a casa se transformara numa prisão. Tudo o que quer agora é se libertar da casa. Mas a cada semana, a cada mês, seu espaço encolhe. Primeiro, o portão da rua marca a fronteira de seu mundo. Depois, a porta da frente. Em seguida, seu território é circunscrito ao segundo andar. E, por fim, tudo o que tem é o quarto (BRUM, 2017, p. 327-329).

Ailce então fecha a janela na cara do sol e não sai mais. Nessa época, ela descobre que é possível viver na memória. E refaz o itinerário de sua vida. Ela nasceu em São Romão, uma cidadezinha mineira forjada em histórias de sangue. E sua infância cabia num vão entre a largueza do São Francisco e um riacho de nome Escuro, que banhava a fazenda da família. Crescera cercada de água por todos os lados, mas tinha medo de nadar. Seu pai havia sido capitão de porto, delegado de polícia, juiz de paz. Sua mãe era uma mulher forte, e este era seu segundo casamento. Do primeiro, aos 13 anos, ela fugira com uma filha de nome Maria pela mão. Mantinha a casa e os filhos asseados, sempre calçados, as toalhas alvas costuradas e bordadas por ela, a cozinha mergulhada numa névoa de vapores perfumados (BRUM, 2017, p. 329).

Diante a característica de potencialização de recursos, primeira ponta, é proposto a partir do relato da jornalista a utilização de novas estratégias, ou seja, um modo que aperfeiçoa os conhecimentos do jornalismo cotidiano, nota-se no texto que a autora, não segue uma ordem cronológica dos fatos, ao narrar intercalando circunstâncias do presente e do passado, trazendo leveza ao texto. É a partir da potencialização de recursos que percebe-se também, a linguagem como marca de expressividade da jornalista, o texto explora diferentes possibilidades para tornar a narrativa mais atrativa e alcançar o imaginário do leitor.

4.1.2 Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano

Na reportagem, Brum relata os desejos e vivências da personagem, neste momento também verificou-se a presença do conceito de ultrapassar os limites do cotidiano pela Estrela de Sete Pontas, onde as características de periodicidade e atualidade são rompidas, para assim, ir além de matérias consideradas corriqueiras. Os parágrafos abaixo além de denotar a potencialização dos recursos jornalísticos, demonstram com clareza o conceito de ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano:

(...) Ailce se apaixonou por um rapaz claro, de olhos verdes, e ela, que sempre foi muito prática, deu para devaneios. Espremida na cama de armar que dividia com outra inquilina na cozinha, Ailce, que não era de mostrar os dentes, falava de amor e ria à toa. No sábado, anunciava: “Hoje vamos pro baile de vestido novo”. Ailce costurava então uma saia bem rodada para cada uma, orgulhosa de sua cintura de 54 centímetros. Muito mais tarde, ela vai esquecer os fios sintéticos fincados no seu fígado ao lembrar de seu vestido de organza azul. Mas o moço bonito não queria saber de casamento, e Ailce chaveou o coração (BRUM, 2017, p. 330).

Quando a segunda vida pediu passagem dentro dela, Ailce chorou de novo. Mais uma vez o marido bebera demais e escalara a cama para deitar-se com ela. Ailce agarrou um cobertor e enroscou-se no chão. Sentia-se presa numa teia que não planejava tecer. Será que era por isso que tinha tanto medo de aranha? “Chorei, chorei, chorei. Não era essa vida que eu queria pra mim”, diz. “Aí fui me acalmando. Talvez meu bebê fosse uma menina, e eu queria muito uma menina”. Luciane nasceu miúda, alérgica a leite e com o gênio forte das mulheres da família. Era uma menina estranha, que desde os sete anos escondia-se na cama da mãe para não ser assaltada por coisas do outro mundo (BRUM, 2017, p. 332).

A partir da ultrapassagem dos limites do cotidiano, a autora vai a fundo nos detalhes da história, lembranças e anseios da personagem. Na utilização deste recurso, a intenção é fazer com que predomine no texto a característica de poder ir além do tempo e alcançar a empatia e a comoção do leitor.

4.1.3 Proporcionar uma visão ampla da realidade

Presente em praticamente todo o texto, a terceira característica proposta por Pena (2006) é a visão ampla da realidade. O conceito é visível ao estar exposto na reportagem a realidade em que Ailce está inserida, verifica-se que a autora contextualiza as informações com registros detalhados da história de sua personagem. Nos trechos a seguir isso pode ser observado:

Estar presa a horroriza. Passou a vida esperneando para escapar de uma prisão metafórica. E agora está amarrada não aos fios invisíveis que sempre a ligaram às convenções do mundo, mas às duas mangueiras de material sintético que drenam o rio poluído do seu interior. “Acho que a gente não vale nada. Olha o que sai de mim” (BRUM, 2017, p. 326).

Intuitivamente ela sabe que sua sanidade depende de enfrentar o caos da vida, mais do que o da morte, que é só um ponto final, em geral improvisado. E então, com esforço e não sem sofrimento, ela poderá se apaziguar com os pontos soltos, os padrões interrompidos, as costuras tortas da trama do vivido. Para ela, o mais difícil é aceitar que alguns bordados ficarão por fazer. Ou, pior, serão tecidos sem ela (BRUM, 2017, p. 327).

Outro exemplo claro da visão extensa da realidade, é quando a reportagem chega em seus momentos finais, onde Eliane Brum retrata a proximidade da morte de Ailce como uma fotografia – onde a personagem está no centro e sua família ao redor –, como se aquele instante

existisse para ser eternizado. “Ailce se retira do palco, e a vida de todos ali seguirá sem ela. Fragmentos de existência esvoaçam ao seu redor em forma de lembranças enquanto ela morre” (BRUM, 2017, p. 345). Nesse trecho, apesar de envolto em tristeza, Brum consegue trazer à tona o aconchego do ambiente familiar, as lembranças e as vivências de sua personagem, a fim de romantizá-la como o centro das vidas que a cercam.

A visão ampla da realidade ou a terceira ponta se destaca em boa parte do texto, quando é relatado na reportagem a realidade em que Ailce está inserida. Verifica-se que a autora contextualiza as informações com registros detalhados da história de sua personagem, utilizando a precisão e a riqueza dos detalhes reais, ao transmitir sensações e sentimentos por meio de suas palavras. Eliane Brum descreve os sentimentos e expressões de Ailce, evidenciando elementos impregnados em sua personalidade e sua cultura, a riqueza nos detalhes ao proporcionar ao leitor a sensação de contato com a personagem da história.

4.1.4 Exercitar a cidadania

O que Pena (2006) define como a quarta ponta da Estrela, que busca utilizar um princípio fundamental no jornalismo, é o exercício da cidadania. Apesar de não ser uma característica incorpórea na reportagem, os trechos das últimas páginas da reportagem podem demonstrar que a característica encontra-se presente na narrativa do texto:

Ailce deixa o consultório ereta, os olhos secos. Está de salto alto. O pé falha, não encontra o chão. Pela primeira vez, ela se apoia no meu braço. Mas ainda é ela: “Será que se eu engordasse um pouco não daria pra fazer cirurgia?”, Pela primeira vez, me autorizo a falar: “Ouvi tudo o que a médica disse. Não importa se a senhora está gorda ou magra. Nunca importou. Não é culpa sua. O tumor é que está num lugar de onde não pode ser tirado”. Ela me olha com a esquina do olho e diz: “Acho que já tinham me contado. Mas não dá pra lembrar de tudo” (BRUM, 2017, p. 341).

A quarta ponta da Estrela, é um modo de honrar compromisso com a sociedade e contribuir com sua bagagem cultural, ao exercer a cidadania. A história de Ailce se enquadra perfeitamente nesta característica, onde a autora se compromete do início ao fim ao relatar os detalhes da vida da personagem e sua família, Brum aborda o contexto da história de um modo que a sensibiliza e transmite ao leitor o afeto e respeito mútuo entre jornalista e fonte. Apesar da essência melancólica da reportagem, a autora em momento algum opta pelo sensacionalismo,

sempre buscando a partir das palavras, a sensibilidade e a plenitude da vida de Ailce. Outro exemplo do exercício da cidadania, é o afeto construído da jornalista pela personagem.

Na cama do hospital, na Enfermaria de Cuidados Paliativos, Ailce me pede que arranque as meias do seu pé. “Não gosto de me sentir presa”, explica. Está morrendo e suas unhas estão pintadas de cor-de-rosa. Ela então pergunta: “Acho que a história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim. O que você acha?”. Eu me acovardo. “Não sei.” Seus olhos amarelos me perfuram. “Não sabe? ” Eu minto. “Acho que não falta mais nada.” Ambas sabemos que falta a morte (BRUM, 2017, p. 344).

4.1.5 Romper as correntes do *lead*

Analisando o texto podemos identificar no primeiro parágrafo uma das sete características de Pena (2006), que é o rompimento do *lead*, ou seja, neste ponto a autora demonstra uma das características fundamentais em um texto jornalístico-literário. Nas primeiras linhas que compõe a história de Ailce é retratada uma narrativa que transborda além de informações claras sobre o sentimento da personagem em relação ao câncer, um toque amplo de sensibilidade.

“É tão estranho”, ela diz. “Eu passei a vida inteira batendo ponto, com horário pra tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente eu seria livre. Aí apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado” (BRUM, 2017, p. 323).

Ela está intrigada com essa traição da vida. Quando fala, sua expressão é de perplexidade. Ailce de Oliveira Souza não é uma filósofa, é uma merendeira de escola. Toda a sua vida havia sido de uma concretude às vezes brutal. Toda a sua vida havia sido uma sequência de atos. E agora a morte chegava exigindo metáforas (BRUM, 2017, p. 323).

O rompimento do *lead*, indica que os jornalistas devem fugir desta fórmula para a construção de uma boa narrativa. Ao iniciar a reportagem a autora adere pela criatividade e o aprofundamento literário em sua narrativa, não expondo diretamente as informações *Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?*, pelo contrário, o texto inicialmente expressa o sentimento de Ailce em relação ao câncer incurável e ao longo do texto são reveladas as informações do *lead*.

4.1.6 Evitar os definidores primários

Outro ponto a ser destacado no texto, e uma das características que mais definem a jornalista Eliane Brum, é a presença de protagonistas do cotidiano, que são anônimos perante ao jornalismo factual. Aqui, a própria autora evidencia o uso do conceito que evita definidores primários ao relatar a história de Ailce na reportagem e salienta a importância da vida da personagem:

Ailce é uma mulher comum. Nunca pensou que sua vida dava um romance. Nem mesmo uma reportagem. Ela não alcançou o pico do Everest, nem decifrou uma espiral do DNA ou compôs uma sinfonia. Também não queimou sutiã em praça pública. Ailce viveu (BRUM, 2017, p. 327).

Neste sentido a jornalista cria alternativas, ouve uma cidadã comum, uma vida que nunca seria abordada pelo jornalismo clássico (PENA, 2006, p. 15). Ao contar a história de Ailce, Brum pretende que pessoas do cotidiano se familiarizem e se encontrem no texto, a jornalista vai além ao salientar que a vida da personagem, é vivida de maneira comum, como tantas outras do cotidiano. Nesta característica, também é possível demonstrar a relação entre jornalista e personagem, onde são criados afetos e respeito, voltando ao exercício da cidadania.

Eu preciso dizer: “E é uma vida bonita”. Ela pede uma confirmação: “Você acha, Eliane?”. Eu asseguro: “A senhora sempre brigou pelo que queria, criou seus filhos, construiu a casa que sonhava, matou a fome de tantas crianças. A senhora viveu”. Ela conclui, para que eu não esqueça: “E eu fiz tudo isso sem nunca pedir nada a ninguém” (BRUM, 2017, p. 344).

4.1.7 Perenidade

A última característica da Estrela de Sete Pontas, refere-se a busca pela perenidade, a permanência da reportagem no tempo, para que não caia no esquecimento como matérias do cotidiano. A característica não aparece nitidamente em um trecho do texto, mas relaciona-se ao universo da história e seu contexto, onde, mesmo que vivenciado e produzido em 2008, ainda hoje, lê-se como uma história atual.

A perenidade, é o texto em si. Na história de Ailce, a autora atinge o objetivo da permanência. Verificou-se também por meio da análise, que a história de Ailce pode representar tantos outros portadores do câncer, curáveis ou incuráveis, as palavras sensíveis e a perenidade da vida de Ailce nas páginas de um livro representam o anonimato de uma mulher comum que permanecerá sendo lida por diversas gerações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciar o acontecimento e evitar interferências. Eliane Brum se propõe do início ao fim deixar claro ao leitor qual é o seu lugar na história, como “escutadeira”, que relata com veemência os detalhes da vida de Ailce. A abordagem sensível da história de *A mulher que alimentava* conta uma experiência que só o jornalismo literário poderia propor, onde cada relato transborda: humanização e a riqueza de detalhes.

A análise descritiva da reportagem produzida pela jornalista Eliane Brum para o portal Época e respectivamente publicada no livro “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” identificou a presença das características que compõe a Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena (2006). Os itens potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano; proporcionar ao leitor uma ampla visão da realidade; exercer a cidadania; quebrar com o lead; evitar os definidores primários e perenidade apresentado pelo autor, são considerados essenciais para produzir um texto jornalístico-literário. Para detectar as características no texto, percebe-se por meio da descrição que, Brum, utiliza-se dos métodos literários desde o primeiro trecho da reportagem com a quebra do *lead*. A jornalista descreve com delicadeza os sentimentos da personagem em relação ao câncer incurável. A partir da apresentação de Ailce ao longo de reportagem, foi constatada diversas características da Estrela de Sete Pontas, onde a história é narrada de forma atemporal e sutil.

A mulher que alimentava, compõe a busca da jornalista pela literatura da vida real, onde assim, como em outras reportagens, Eliane Brum traz à tona a história de uma pessoa do cotidiano. Desta maneira, muitos leitores se encontram em suas reportagens e exercem a empatia por meio de sua narrativa.

A análise da reportagem de Eliane Brum, demonstrou que o jornalismo literário foge das amarras das redações, da pressa do cotidiano, possibilitando ao jornalista adentrar em um universo de possibilidades ao contar histórias de vidas anônimas. Por fim, acrescento que esta monografia abre portas para inúmeros cenários de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. No jornalismo, por exemplo, seria possível realizar comparativos entre a reportagem *A mulher que alimentava* a outros textos jornalísticos-literários, ou mesmo, analisa-lo por meio do conceito de outros autores, também poderia ser produzida uma análise sobre a relação jornalista e fonte em situações sensibilizadas.

Abordar histórias como a de Ailce, é um desafio para o exercício do jornalismo. Pois, o jornalista não vive apenas para contar histórias, muitas vezes, ele precisa senti-las.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipélago, 2016.

_____. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2007.

_____. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. Porto Alegre: Arquipélago, 2017.

_____. Trajetória. Disponível em: <<http://elianebrum.com/biografia/>> Acesso em 10 de maio de 2018.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em Convergência*. São Paulo: Ática, 2006.

CASTRO, Gustavo de. *Jornalismo literário: uma introdução*. Brasília: Casa das Musas, 2010.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1989.

HOFFMANN, Estela Maria. *Narrativas da Vida Real: O jornalismo literário nas reportagens de Eliane Brum*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1742-1.pdf>> Acesso em 14 de março de 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. *O jornalismo literário e a academia no Brasil*. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/25024/14864>>

_____. *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura*. São Paulo: Ed. Manole, 2009.

MARTINEZ, Mônica. *Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral de humanizada*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71>> Acesso em 22 de março de 2018.

MODERNELL, Renato. *Narrativas de Viagem e Jornalismo Literário*. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/658/589>> Acesso em 18 de março de 2018.

NECCHI, Vitor. *A (im)pertinência da denominação "jornalismo literário"*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>> Acesso em 17 de março de 2018.

NETTO, Alvim Antônio de Oliveira. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Florianópolis: Visual Books, 2006.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo. Ed. Contexto, 2006.

_____. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo. Ed. Contexto, 2015.

RESENDE, Fernando. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume, 2002.

SILVA, Marleth. *Técnicas de redação e edição na imprensa*. Curitiba: Intersaberes, 2017.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2013.

VASSALLO DE LOPES, MARIA IMMACOLATA. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

ANEXO

Reportagem – A mulher que alimentava

A doença surpreendeu Ailce quando ela acreditava estar mais perto de seus sonhos. Como a maioria de nós, ela descobriu que adiará demais

É tão estranho”, ela diz. “Passei a vida inteira batendo ponto, com horário pra tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente eu seria livre. Aí apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado”.

Ela está intrigada com essa traição da vida. Sua expressão é de perplexidade. Ailce de Oliveira Souza não é uma filósofa, é uma merendeira de escola. Toda sua vida havia sido de uma concretude às vezes brutal. E agora a morte chegava exigindo metáforas.

Lá fora faz sol, e os vizinhos vivem na primeira parte do poema de Manuel Bandeira. Quando o enterro passou/Os homens que se achavam no café/Tiraram o chapéu maquinalmente/Saudavam o morto distraídos/Estavam todos voltados para a vida/Absortos na vida/Confiantes na vida. Lá dentro, sentadas uma diante da outra, eu e ela vivemos o segundo ato. Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado/Olhando o esquife longamente/Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade/Que a vida é traição.

Ailce nunca deixou de se sentir traída por “essa doença”, como se expressa na maior parte das vezes, ou “o tumor”. Não pronuncia a palavra câncer. Quando nos conhecemos, em 26 de março, faz quase um ano que sua pele amarelara e ela se enchera de náuseas. Ailce se revolta contra Deus. É dele a traição.

Seu câncer é uma pedra no meio do caminho das vias biliares. O tumor obstrui a passagem e, sem ter por onde escoar, a bile é lançada no sangue, e a deixa inteira amarela. Quando ganha essa cor solar, Ailce ainda não tem 66 anos. E acredita viver o melhor tempo de sua vida. “Sem filhos, sem marido, aposentada, livre”, diz. Ela planeja conhecer as obras de Aleijadinho, nas cidades históricas de Minas Gerais, e a Espanha dos filmes de Sarita Montiel. Quando a paisagem passa veloz pela janela do ônibus, sente que está indo para um lugar que sempre quis, não importa o destino. “Você já reparou como a gente muda quando viaja? Parece que me liberto de tudo”.

Ailce anda de ônibus por todo lado, dança em bailes da terceira idade, vive um romance com um homem mais jovem. “Você acredita que, quanto mais eu danço, mais tenho vontade de dançar?” Ela dança sozinha pela liberdade de rodopiar pelo salão sem que ninguém a conduza. Sempre quis conduzir ela mesma sua vida. Escolhe seus passos no salão de baile enquanto suas células a traem no silêncio de seu corpo.

Se câncer é a palavra que não diz, liberdade é a palavra que repete. Ailce está presa, literalmente. Sua vida depende de duas mangueiras fincadas dentro dela. Elas drenam a bile para fora de seu corpo. O líquido amarelo escoar em dois recipientes de plástico que ela carrega numa sacola de supermercado nas andanças dentro de casa, numa bolsa decorada com as princesas da Disney quando passeia. Um dia um segurança olha feio para sua bolsa achando que ela está furtando produtos da prateleira. E devagar Ailce vai deixando de sair. Desliga a música dentro de casa. E não dança mais.

Estar presa a horroriza. Passou a vida esperneando para escapar de uma prisão metafórica. E agora está amarrada não aos fios invisíveis que a ligam às convenções do mundo, como a todos nós, mas às duas mangueiras de material sintético que drenam o rio poluído de seu interior. “A gente não vale nada. Olha o que sai de mim”.

Quando entrou na sala de cirurgia, achava que faria apenas um exame complicado. “Lembro que o médico cantava pra me acalmar. Não lembro a música. Eu dormi com a anestesia e quando voltei estava numa maca, no corredor. Eu sentia um frio muito grande. Tremia. Vi os drenos e descobri que estava presa”.

Ela logo descobre que sou um terceiro fio na vida dela. Ela nunca tinha falado muito de si mesma. Desse dreno de palavras ela gosta. “A gente fica guardando coisas por toda a vida. Quando eu falo, parece que elas vão se soltando dentro de mim. Me liberto”.

Ailce é uma mulher comum. Nunca pensou que sua vida dá um romance. Nem mesmo uma reportagem. Ela não alcançou o Pico do Everest, nem desvendou a espiral do DNA ou compôs uma sinfonia. Também não queimou sutiã em praça pública. Ailce viveu.

Na narrativa de sua história, ela começa a decifrar pequenas singularidades despercebidas numa existência em que o tempo foi devorado em turnos de trabalho. Ailce percebe que não há como dar sentido à morte, mas ela pode dar sentido à vida. Só assim poderá suportar a superfície fria de um fim que já toca com as mãos. Para viver tão perto da morte, ela precisa adivinhar a tessitura da vida. Do contrário, só lhe restam aquelas mangueiras sintéticas.

Ailce sempre desejou se “libertar” e, como muitos de nós, nunca conseguiu definir muito bem de quê. “Eu gosto de ir pra frente”, diz. Descobre então que terá de enfrentar não a Medicina, mas a Poesia: Temos, todos que vivemos/Uma vida que é vivida/E outra vida que é pensada/E a única vida que temos é essa que é dividida/Entre a verdadeira e a errada.

Intuitivamente ela sabe que sua sanidade depende de enfrentar o caos da vida, mais do que o da morte, que é só um ponto final em geral improvisado. E então, com esforço e não sem sofrimento, ela poderá se reconciliar com os pontos soltos, os padrões interrompidos, as costuras tortas da trama do vivido. Para ela, o mais difícil é aceitar que alguns bordados ficarão por fazer. Ou, pior, serão tecidos sem ela.

Ela é a quarta filha de nove, a penúltima com o nome iniciando por “a”. Ailton, Amilton, Adailton, Ailce... “Eu sentia falta de espaço, de um canto só meu”. No final de sua vida, ela tem não apenas um canto, mas uma casa só sua. Ampla, dois andares, é a encarnação em concreto de seus esforços. Pela casa ela sacrificou muito. Mas quando adoeceu descobriu que a casa transformara-se numa prisão. Agora quer se libertar da casa. Mas, a cada semana, a cada mês, seu espaço encolhe. Primeiro, o portão da rua marca a fronteira de seu mundo. Depois, a porta da frente. Em seguida, seu território é circunscrito ao 2º andar. E, por fim, tudo o que tem é o quarto.

Ailce então fecha a janela na cara do sol e não sai mais da cama. Nessa época, ela descobre que é possível viver na memória. E refaz o itinerário de sua vida. Ela nascera em São Romão, cidadezinha mineira forjada em histórias de sangue. E sua infância cabia num vão entre a largueza do São Francisco e um riacho de nome Escuro, que banhava a fazenda da família. Crescera cercada de água por todos os lados, mas tinha medo de nadar. Seu pai havia sido capitão de porto, delegado de polícia, juiz de paz. Sua mãe fora uma mulher forte, que fugira do primeiro casamento, aos 13 anos, com a pequena Maria pela mão. Mantinha a casa e os filhos asseados, as toalhas bordadas bem alvas, a cozinha mergulhada numa névoa de vapores perfumados.

Essa memória olfativa feita de temperos, toicinho e doçura engendrada nas panelas da mãe acompanhou Ailce por toda a vida. Perto da morte tornam-se mais vivas. Quando as toxinas liberadas pelo tumor envenenam o corpo, e ela enjoa de tudo, lembra o feijão gordo, o pão de queijo, os biscoitos de polvilho. E sua boca castigada é afagada por uma saliva de infância.

Ailce, que já não consegue comer, lambuza-se em banquetes de lembranças. Mais tarde, 18 quilos mais magra, e já sem forças para andar até o banheiro, ela ainda suspira por uma broa de dona Santa.

Ailce deixou a casa dos pais aos 18 anos. Diante de suas ânsias de mulher jovem, a cidade criara paredes. “Eu queria conhecer coisas novas”, diz. “Ser independente”. Escorregou no mapa e desembarcou em Guarulhos, São Paulo, na casa de um irmão. E de novo sentiu-se confinada. Mudara de geografia, mas não de sina, e para ela os 60 não foram anos loucos. Costureira, moça de fábrica, entre linhas, agulhas e bobinas teve as primeiras revelações sobre sexo, quando ao voltar da lua-de-mel uma colega relatou que não só doía como jorrava um líquido branco do membro do homem. Ailce arquivou a informação para não fazer cara de surpresa quando sua hora chegasse.

Nessa época, Ailce se apaixonou por um rapaz de olhos verdes, e ela, que sempre foi muito prática, deu para devaneios. Espremida na cama de armar que dividia com uma amiga, falava de amor e ria à toa. No sábado, anunciava: “Vamos ao baile de vestido novo”. Costurava então uma saia bem rodada para cada uma, orgulhosa da cintura de 54 centímetros. Muito mais tarde, Ailce vai esquecer os fios sintéticos fincados em seu fígado ao lembrar de seu vestido de organza azul. Mas o moço bonito não queria saber de casamento, e Ailce chaveou o coração.

Desde aqueles dias, Ailce jamais deixou de sair de casa impecável. “Ailce vem à consulta muito bonita, cabelos pintados, brincos, salto alto”, escreve a médica Maria Goretti Maciel no prontuário da Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, em 2 de abril. Mais de uma vez Ailce entra no hospital com as pernas bambas, mas sobre saltos. E, quando ainda não pronuncia a palavra morte, usa a metáfora “cair”. “Eu não aceito cair”.

"Você acredita que, quanto mais eu danço, mais sinto vontade de dançar?"

Aos 23 anos, ela tomou uma decisão pragmática. Casou-se com um operário chamado Jaime, rapaz alinhado que não botava a cabeça fora de casa sem brilhantina, sem um lustro nos sapatos. “Eu queria ter uma casa só minha”, diz Ailce. “Ele era honesto, trabalhador, andava de terno e gravata, tinha uma família boa. Casei”. Ailce não adivinhou que um moço tão distinto teria ganas de beber além da conta. Nem que uma parte do futuro seria gasta nas tribulações de mulher de alcoólatra. No caso dela sina ainda mais triste porque nada tinha da originalidade que

planejara para si. Assinou o livro do cartório convencida de que romance era incompatível com a vida adulta. E essa foi sua primeira capitulação diante de seus sonhos.

Esse marido “era da raça de espanhol, tinha sangue quente”. E esse fogo acabou incinerando Ailce, que já casou com o primeiro filho aconchegado numa curva da barriga. Só mais tarde ela soube que havia um nome para o que sentiu quando Marcos nasceu de cesariana. “Eu não queria aquela vida, queria uma vida diferente”, ela diz. “Então rejeitei”. Ailce chorou, envergonhada de seus pensamentos. Só décadas depois, perdoou a si mesma ao descobrir que tivera uma depressão pós-parto, comum a muitas mulheres, e não uma crise existencial em que questionava o que fora feito de suas grandes esperanças. Quando as primeiras semanas viraram meses, foi tomada por um amor tão grande por aquele filho que, perto do fim, ainda acredita que ninguém cuida tão bem dele quanto ela.

Quando a segunda vida pediu passagem dentro dela, Ailce chorou de novo. O marido bebera demais e escalara a cama para deitar-se com ela. Ailce agarrou um cobertor e enrolou-se no chão. Sentia-se presa numa teia que não planejara tecer. “Chorei. Não era essa vida que eu queria pra mim”, diz. “Pensei então que meu bebê poderia ser uma menina e me acalmei”. Luciane nasceu miúda, alérgica a leite e com o gênio forte das mulheres da família. Menina estranha, desde os 7 anos escondia-se na cama da mãe para não ser assaltada por coisas do outro mundo.

Esses dois filhos dão a Ailce as duas pontas com as quais ela amarra o final de sua vida. Marcos, funcionário de escola como ela, cuida das feridas do corpo. Aos 42 anos, é um homem quieto, que tranca as emoções em algum lugar entre o coração e o estômago. Ao entrar numa sala, ocupa um canto. Quando a mãe adoece, ele aprende a fazer os curativos e a limpar os drenos, administra seus remédios e prepara o café-da-manhã. Quando ela se torna mais fraca, passa a lhe dar banho. “Não fica com vergonha da mãe”, diz Ailce. “A mãe também deu muito banho em você”. É esse filho silencioso, com a coragem de enfrentar a carne da mãe, que transforma o horror da doença num carinho cotidiano. Pelo toque, ele torna possível para Ailce suportar um corpo em que a bile escorre no lado externo.

Ao igualar-se a um corpo infantil para vencer a interdição entre mãe e filho, Ailce assinala a perda do feminino nela. “O tumor me tirou tudo. Eu perdi peito, bunda, cintura, tudo”, diz.

Ailce agora se preocupa cada vez menos com a nudez de um corpo que a trai de todas as maneiras possíveis. E que parece pertencer somente à doença.

A figura miúda de Luciane está sempre no centro. Como a mãe, ela encontra sentido na ação. Depois de crescida, apaziguou-se com o sobrenatural virando mãe-de-santo no candomblé. Luciane vasculhou a história da família e descobriu que a avó materna era cigana. No Rio de Janeiro, onde vive com o marido, Jorge, faz uma festa anual em homenagem a uma ancestral chamada Carmen que fala espanhol pela sua boca. Ailce aceita o mistério. E ela, que nunca aprendeu espanhol, conversa com a cigana como uma velha amiga.

Luciane dá à mãe essa dimensão mística da vida. Pelas mãos dessa filha ela encontra significados para um estar no mundo que para ela foi sempre tão concreto. Luciane lhe dá uma história que avança além da sua, e lhe dá um lugar nessa história. Perto do fim, sua pequena vida faz sentido numa trama maior. A cada novembro é ela quem acende a fogueira da ancestralidade, vestindo saias coloridas, e sua figura se reveste de uma solenidade que resiste ao comezinho de uma vida de cartão de ponto. Depois, ela rodopia ao som do violino cigano e ali, finalmente, apalpa com os pés no ar uma liberdade que até então ela só pressentira. E, por ter um passado antes do nascimento, terá um futuro depois da morte.

Do meu lugar de observadora de um quadro familiar, ora na cena, ora fora dela, me pergunto se esses filhos, cada um a seu modo, compreendem o tamanho do que dão à mãe. Ailce precisa do que cada um deles pode dar, até o fim.

Ela só descobriu o tumor quando foi enviada para a Enfermaria de Cuidados Paliativos, depois de enfrentar sete meses de tratamento em outro setor do hospital. Ailce suspeitava do diagnóstico, mas preferia não ter certeza. Na Enfermaria, a verdade a encurrala. “Antes, os médicos falavam lá na língua deles. Eu escutava a palavra tumor, mas não perguntava. No Paliativos, me contaram que eu tinha um tumor num lugar que não podia ser mexido. Fizeram um desenho. Eu pensei que faria quimioterapia e ficaria boa. Então disseram que eu não poderia fazer. Me revoltei. Achei que Deus não existia. Eu sempre quis ir além e agora não posso mais ir a lugar algum”.

Ailce conta – e imediatamente “esquece” o diagnóstico. Nas visitas seguintes, ela me testa: “Acho que não tem nada dentro de mim”. Ela deseja muito que eu confirme seu pensamento mágico. Nessas horas, eu sinto dor na garganta, pelas palavras que não posso pronunciar, mas que gostaria muito de dizer.

Incapaz de enfrentar meu silêncio, ela contemporiza. “Ainda bem que eu não tenho dor”. Lourdes, que limpa a casa, cozinha e cuida dela, a socorre: “Você não tem câncer. Eu tinha uma tia com câncer e ela gritava de dor. E tinha um cheiro tão horrível que ninguém chegava perto. Você não tem cheiro nenhum”. São duas mulheres sozinhas na casa – e uma delas tem uma sentença de morte. Elas me observam com o canto do olho, temerosas de que eu desmanche com palavras o frágil equilíbrio de seu milagre.

É início de abril, e Ailce está feliz porque o apetite voltou. É resultado do tratamento paliativo, que ameniza os sintomas. “Repeti o prato na hora do almoço”, anuncia. Ailce mima suas orquídeas, conversa com as plantas, comparece às festas de família, quer comprar roupas novas. Suspira por atos banais, mas que agora se enchem de raridades: um banho de chuveiro sem preocupação com os fios; dormir de bruços, que já não pode mais. Ailce vive dias ensolarados. Está comendo, está curada.

E eu também preciso comer. Ela não permite que eu saia de sua casa sem antes repetir o bolo. Criada no interior, esse é um ritual que compreendo. Só mais tarde percebo que, para Ailce, oferecer comida é a chave de uma vida. Ela tornou-se merendeira de escola depois de passar num concurso público com nota 9,5. □ Por 27 anos ela alimentou crianças carentes. Na segunda-feira, acolhia-as com uma caneca de leite, para que tivessem forças de entrar na sala de aula. Era dela a missão de mantê-las vivas, era ela quem operava o milagre de fazer crianças quase desmaiadas correr pelo pátio.

Ailce adorava isso. Seu pai queria pagar seus estudos de professora, ela não quis. Queria ser enfermeira, não conseguiu. Encher a barriga de crianças famintas emprestava grandeza a sua vida. “Nunca cheguei atrasada, trabalhava doente porque precisavam de mim. Eu fazia sopa, leite com cacau, sagu. Às vezes, fazia seis caldeirões de 40 litros. E as crianças comiam tudo, com tanto gosto. Ficavam sábado e domingo sem se alimentar e na segunda-feira muitas desmaiavam. Eu não podia fazer nada fora da escola, mas dentro elas comiam à vontade”.

Antes de ser enviada para a Enfermaria de Cuidados Paliativos, um médico, sem coragem de contar a ela a verdade, lhe disse: “Você precisa comer bastante para ganhar peso. Então, quando estiver mais forte, vamos operá-la”. Ele não sabe o que fez. Comer, ficar forte e melhorar é o mantra de Ailce. Entre um médico que lhe acenou com a possibilidade de cura e todos os outros que só têm a verdade para dar, é óbvio que ela acredita no primeiro.

Em meados de maio, Ailce piora. Os enjôos retornam, a comida não passa na garganta. A equipe de visita domiciliar do Serviço de Cuidados Paliativos é cada vez mais assídua. Desentope os drenos, faz curativos, resolve o que é possível para que Ailce não gaste seus dias no hospital. Os medicamentos são substituídos em consultas ambulatoriais, mas ela está numa fase crítica. O desespero por não conseguir comer a consome, pede às médicas que lhe dêem remédio “para abrir o apetite”. Mas nenhuma comida é preparada do jeito que ela instruiu, não há tempero que não se torne amargo em sua boca. Culpa então a mulher que ocupa seu lugar na cozinha por não conseguir fazer por ela o que passou a vida fazendo pelas crianças desmaiadas. Na intimidade da casa é um tempo de grandes dramas para as duas mulheres. Ailce está num lugar insuportável: ela, que sempre alimentou a todos, morrerá porque não consegue comer.

Ailce mede 1,40 metro, mas briga como se tivesse tamanho de jogadora de vôlei. Em junho, é difícil para ela botar uma perna na frente da outra. Mas caminha. Tremendo, cheia de fúria. “Tira a mão do meu braço que eu ando sozinha”, diz. “Mas a senhora cai”, preocupa-se a filha. “Não caio”. A filha tenta lhe dar café. Ela fecha a boca. “Eu mesma tenho de tomar”. Derruba, mas é ela quem segura a xícara. Pergunto porque isso é tão importante. “Eu tenho de ser eu”, diz ela.

Nessa época, Ailce beira o impossível: tinha “esquecido” a doença, mas a doença não a esquecerá. Culpa os médicos porque não vê “progresso”. A família cogita consultar outros profissionais. Em seguida, desiste. Teme o que ouvirá no final da consulta.

Então a tempestade chegou. Na manhã de 19 de junho, depois de uma noite de sonhos desencontrados, Ailce anuncia que quer morrer. Não acredito que queira. O que está dizendo, pelo avesso, é que quer viver. Do jeito dela, pede ajuda. Nos encontramos na lanchonete do hospital. Ela tem os olhos cheios de lágrimas, as mãos tremem. Duas desconhecidas lhe falam de Deus. Invocam o “deus do impossível”.

À espera da consulta no ambulatório, Ailce revolta-se: “Quero uma definição. Não vejo melhora. Por que não amarram isso dentro de mim?”. Ailce não só esquecerá o que os médicos lhe explicaram muito tempo antes, como esquecerá também o que havia contado a mim menos de dois meses atrás. Pela primeira vez, interfiro: “Fale tudo o que está sentindo nessa consulta. Tire todas as suas dúvidas”.

"A história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim?"

A médica abraça Ailce com carinho. O sol atravessa a janela e bate diretamente nas duas mulheres sentadas uma diante da outra, iluminadas como num palco. Ailce começa: "Eu não sei o que eu tenho". Goretti Maciel responde: "Você não lembra a nossa primeira conversa?". Ailce não lembra. "Eu lhe contei que tinha uma pedra no meio do caminho." Ailce ouve a explicação de novo – e de novo seus olhos acompanham a mão da médica riscando no papel a arquitetura da morte dentro dela. Ela diz: "Mas não dá para pular aqui por cima e juntar aqui?". Goretti diz: "Infelizmente não dá para fazer um viaduto". Dessa vez, Ailce não recua: "Então não tem cura? Então isso vai até quando...". E interrompe a frase.

Toca o celular da médica. A música é a trilha do filme *Missão: Impossível*. Ela desliga.

"Paliativo vem de *pallium*, que quer dizer manto", diz a médica. "É o que a gente faz aqui: jogamos um manto sobre a doença. O tumor vai lançando toxinas pelo corpo e isso provoca sintomas. Os medicamentos disfarçam os sintomas. Mas um dia não vamos mais conseguir amenizá-los. Quando esse dia chegar, meu compromisso é que a gente nunca vai abandoná-la. Vamos cuidar de você até o fim."

Ailce deixa o consultório ereta, os olhos secos. Está de salto alto. Dessa vez, se apóia no meu braço. Mas ainda é ela: "Será que se eu engordasse um pouco não daria para fazer cirurgia?". Desta vez, me sinto autorizada a falar: "Ouvi tudo o que a médica disse. Não importa se a senhora está gorda ou magra. Não é culpa sua. O tumor é que está num lugar do qual não pode ser retirado". Ela então me olha com a esquina do olho e diz: "Acho que já tinham me contado. Mas não dá pra lembrar de tudo".

Em julho, Ailce não sai mais da cama, nem mesmo abre a janela. Mergulhada numa escuridão que não depende da rotação do planeta, ela prefere deixar o sol do lado de fora. Usa fraldas porque não alcança o banheiro, tem frio mesmo quando faz calor. Mas ainda conta histórias e não me deixa sair de sua casa sem repetir o bolo.

Na segunda-feira 14 de julho, seu quarto tem cheiro de morte. E seu corpo parece menor sobre a cama. "Meu tempo está acabando", ela diz. E eu sei que é verdade porque ela parou de brigar. A revolta se extingue dentro dela, a voz se suaviza. Quando ela toma água, ainda segurando o copo, o gosto é amargo. Ela sempre temera a dor, e a dor havia chegado. "Estou ferida por dentro. Sinto cheiro de podre."

Ailce descreve todas as mortes da família. Do pai, que morreu em casa, da mãe, no hospital, do marido, de doença de Chagas, do irmão, num acidente. Depois desse inventário do fim, ela conclui: “Agora sou eu que estou no finzinho”.

À noite, a dor aumenta. Ailce pede à filha que chame o Preto Velho. Quando a entidade que assume muitos nomes nas religiões afro-brasileiras se manifesta, pela boca de Luciane, Ailce pede: “Me leva. Nada mais me prende neste mundo”. O Preto Velho brinca com ela. “Não é tão fácil assim, minha filha. No céu tem fila. Vou ver se consigo uma vaguinha para você cuidar das crianças”. Nesse contrato místico, Preto Velho promete a Ailce que a levará ainda naquela semana.

Pensei muito em como descrever essa noite. Cheguei à conclusão que a morte é dela. Ailce tem uma fé bem ecumênica. Desde que adoecera, ela nunca recusou ajuda espiritual. Toda semana recebia hóstia de voluntárias católicas, e sempre abriu a porta para padre e pastor. Mas é quem ela chama de Preto Velho que a conforta na noite mais longa de sua vida. “Eu vou, mas volto”, diz. “Vou segurar sua mão e preparar um caminho de lírios pra você passar. □ Nós estamos velhinhos. Empresto minha bengala e meu banquinho. Quando eu cansar, você levanta e eu sento. Quando você cansar, eu levanto e você senta. Seu corpo está doente, sua alma está limpa. Você é uma flor”.

Na manhã seguinte, Ailce despede-se de sua casa. Desce a escada carregada, seus pés estão descalços e não mais encostam no chão. Lourdes soluça. E promete fechar bem a porta. A papagaia já não come. E o cachorro Dunga, chorando, se esconde dentro da casinha. Na despedida da mulher que a habitava, a casa parece agonizar.

No hospital, Ailce me pede que arranque suas meias do pé. “Não gosto de me sentir presa”, afirma. Ela está morrendo e suas unhas estão pintadas de cor-de-rosa. Pergunta: “A história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim?”. Eu me acovardo: “Não sei”. Seus olhos amarelos me perfuram. “Não sabe?” Eu minto: “Acho que não falta mais nada”. Ambas sabemos que falta a morte.

Eu preciso dizer: “E é uma vida bonita”. Ela pede confirmação: “Você acha?”. Eu asseguro: “A senhora brigou pelo que queria, criou seus filhos, construiu sua casa, matou a fome de tantas crianças. A senhora viveu”. Ela conclui: “E nunca pedi nada para ninguém”.

Enquanto a filha lhe sussurra palavras de amor, ela fixa o olhar em sua última cena. Às 15h50 de 18 de julho, o tempo de Ailce acaba.

Os remédios fazem efeito e ela escorrega para um sono tranqüilo. A médica Veruska Hatanaka esforça-se para que ela não sinta dor, mas que consiga se despedir. É uma arquitetura química delicada. Luciane tem 40 graus de febre, Marcos traz a mulher para se reconciliar com a sogra. Ailce pergunta pelo único neto, Ramom. Às vezes, acorda para pedir água e faz questão de segurar o copo. “A água está mais doce agora”, diz. Ailce já não come. E isso não mais a machuca. Mas, ao abrir os olhos, tarde da noite, ela pergunta se eu comi.

Na quarta e na quinta-feira, Ailce quase só dorme. Ao redor dela se alternam os irmãos, os vizinhos, os amigos. Eles contam histórias da vida dela. Seu irmão caçula coloca uma mão grande sobre seu rosto e chora: “Eu te amo muito. Você quer que eu traga um café para você?”. Ela abre os olhos, balbucia: “Eu também te amo”. E volta a dormir. “A gente dormia na mesma cama de armar, na cozinha”, conta uma amiga. “Eu namorava um rapaz que era a cara do Elvis Presley e ela namorava o Maurício, um loiro de olhos claros”. Ri e chora. “Meu pai era muito apaixonado por ela”, diz Luciane.

Uma fotografia desse momento mostra Ailce na cama e a família ao redor. Há um movimento em cada um deles, nela nenhum. Eles falam dela, mas ela não está lá. Ailce se retira do palco, e a vida de todos seguirá sem ela. Fragmentos de sua vida esvoaçam a seu redor em forma de lembranças enquanto ela morre. Mas Ailce ainda escuta. Abre os olhos sempre que alguém pronuncia o nome do neto. E, quando ficamos sozinhas, eu digo: “Muito obrigada por ter me contado sua história. Eu vou escrever uma história linda sobre sua vida. E nunca vou me esquecer de você”. Percebo então que ninguém confiara tanto em mim. Muitas vezes eu fui a única testemunha de sua vida. Eu escreveria sua história, e ela estaria morta.

Na sexta-feira 18 de julho, Ailce desperta depois do banho. Está inquieta. É difícil entender o que diz. Pede água, mas agora é preciso umedecer um pedaço de gaze e colocar entre seus lábios. Já não há movimento nos drenos, seu corpo está parando de funcionar. Ailce se contorce, começa a arrancar a roupa. Fica nua. No final da manhã, a médica Juliana Barros a liberta dos fios sintéticos de sua vida, agora inúteis. Ailce finalmente está livre.

Quando os filhos chegam, Ailce os reconhece. Ela esperava por eles. Então volta a dormir. Às 15h50 ela abre os olhos de repente. Está lúcida. Enquanto seus olhos erram pelo quarto, Luciane diz: “Vamos dançar, mãe. Vamos botar nossa roupa pra gente dançar. A senhora está linda

vestida de cigana. Já curou, mãe. Não tenha medo, eu estou segurando a sua mão. Vou lhe ajudar a atravessar. Está todo mundo esperando pela senhora. Eu te amo tanto, mãe. Muito obrigada por tudo”.

A filha desenha com pétalas brancas o contorno do corpo da mãe. O olhar de Ailce é de infinita tristeza. Seus olhos vagam pelo quarto e se cravam na câmera. E sua respiração apaga devagar.